

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

AIRETE SCHUCH DA GAMA

**TEORIA, LITERATURA E O JOVEM LEITOR – UMA QUESTÃO DE SALA DE
AULA**

**JAGUARÃO
2023**

AIRETE SCHUCH DA GAMA

**TEORIA LITERATURA E O JOVEM LEITOR – UMA QUESTÃO DE SALA DE
AULA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de licenciado em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientadora: Ana Lúcia Montano Boessio

JAGUARÃO

2023

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

G298t GAMA, AIRETE SCHUCH
TEORIA LITERATURA E O JOVEM LEITOR - UMA QUESTÃO DE SALA DE
AUL / AIRETE SCHUCH GAMA.
43 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA, 2023.

"Orientação: Ana Lúcia Montano Boessio".

1. TICs. 2. Teoria literária. 3. Jovem leitor. 4. Sala de
aula. I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

AIRÉTE SCHUCH DA GAMA

TEORIA, LITERATURA E O JOVEM LEITOR: UMA QUESTÃO DE SALA DE AULA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa – Licenciatura da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 20 de junho de 2023.

Banca examinadora:

Prof.ª Dr.ª Ana Lúcia Montano Boessio
Orientadora
(UNIPAMPA)

Prof.ª Dr.ª Camila Gonçalves dos Santos do Canto
(UNIPAMPA)

Prof.ª Dr.ª Marcela Wanglon Richter
(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **ANA LUCIA MONTANO BOESSIO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 21/06/2023, às 12:46, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **MARCELA WANGLON RICHTER, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 21/06/2023, às 13:49, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **CAMILA GONCALVES DOS SANTOS DO CANTO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 23/06/2023, às 09:11, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1160613** e o código CRC **D6AC511B**.

Unipampa – Campus Jaguarão
Rua Conselheiro Diana, nº 650 - Jaguarão/RS - CEP: 96300-000
Telefones: [\(53\) 3261-4269](tel:(53)3261-4269), [\(53\) 3240-5450](tel:(53)3240-5450)

Dedico este trabalho às minhas queridas filhas, Andréa e Lorena, cuja presença e apoio sempre foram minha inesgotável fonte de inspiração. Agradeço ao meu esposo, Claudenir, por seu constante suporte e encorajamento. Também dedico esta conquista aos meus queridos netos, Luan, Maria Luiza, Isabela e Ravi, que trazem alegria e luz aos meus dias. E não poderia deixar de mencionar meu genro, Felipe Rosales, cuja paciência e orientação nas tecnologias foram fundamentais para a conclusão deste trabalho. O amor e apoio de todos vocês tornaram possível esta conquista, e dedico-lhes este trabalho com imensa gratidão.

AGRADECIMENTO

Gostaria de expressar minha profunda gratidão à Prof^a Dra. Ana Lúcia Montano Boessio, uma mulher humilde, generosa que me inspirou em todos os aspectos. Sou imensamente grata pelas suas orientações, reforçando sempre o poder transformador da literatura na sociedade. Agradeço de coração pela dedicação exemplar e pelo carinho especial dedicado a mim, sobretudo neste momento tão significativo de conclusão de curso.

Além disso, gostaria de estender minha gratidão a todos os professores que tive a oportunidade de conhecer ao longo da minha jornada acadêmica, que iluminaram meu caminho e contribuíram para o meu crescimento pessoal e intelectual.

Também não posso deixar de agradecer imensamente às minhas colegas de classe, que estiveram ao meu lado em todos os momentos, compartilhando alegrias e preocupações. Esse apoio constante foi fundamental para me fortalecer e manter o foco em concluir o curso. Gratidão por ter tido a oportunidade de cruzar caminhos com pessoas tão maravilhosas e dedicadas.

“[...] a nós, que não somos nem cavaleiros da fé nem super-homens, só resta, por assim dizer, trapacear com a língua, trapacear a língua. Essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: literatura.

Roland Barthes

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo problematizar a relação entre TDICs, teoria literária e a formação do jovem leitor no espaço escolar, contemplando em especial a fenomenologia e a estética da recepção, de modo a vislumbrar um espectro mais amplo das questões que envolvem o aprendizado de leitura literária enquanto experiência estética prazerosa e transformadora do sujeito. Muito se fala da importância da literatura na formação do jovem; entretanto, é fundamental entender de que forma esse contato com a literatura se dá e como a mesma é trabalhada em sala de aula. Nesse sentido, Antonio Candido além de ser uma das principais referências brasileiras no âmbito dos estudos literários, torna-se fundamental para nortear este estudo. O autor defende que a literatura deve ser incluída no grupo dos direitos universais do homem pela sua força humanizadora, pois atua na formação psicossocial do sujeito. A partir desse pressuposto, esta pesquisa visa discutir de que forma o professor pode criar estratégias que estimulem o jovem a ter uma experiência prazerosa e significativa com a leitura literária, independentemente do suporte em que ela seja feita. Apesar de muito se ouvir que os jovens não leem, vale ressaltar que a maioria dos livros mais vendidos são de autores infantojuvenis como, por exemplo, a obra de John Green, *A culpa é das estrelas*, ou *Harry Potter*, traduzida para 64 línguas, com vendagem acima de 325 milhões em todo o mundo. Certamente, esse interesse pelas obras literárias se deve à contribuição das tecnologias voltadas para a literatura, tais como o tik tok que, segundo comunicado da empresa, tornou-se uma tendência forte que estimula os usuários a terem contato com o universo literário. Além disso, ajuda a desmistificar a ideia de que a literatura é algo chato, sem sentido para o jovem, muito devido à forma como é apresentada na escola – o que se vê é que o encontro entre literatura e as mídias aguça a curiosidade para a leitura das obras. Outra mídia de grande sucesso é o *Instagram*, em que há perfis criados exclusivamente para divulgar obras literárias. Desse modo, este trabalho se justifica enquanto um olhar sobre o universo leitor de que o jovem faz parte e que nem sempre se relaciona com o espaço escolar. A grande questão é entender por que esse mundo leitor jovem se mantém tão desconectado do espaço escolar. É problematizar por que esse aluno que se recusa a ler na escola, torna-se um leitor ávido para além de seus muros, lançando luz sobre a questão se, é de que modo, os estudos de teoria literária podem favorecer o trabalho docente com a literatura na sala de aula, contribuindo para o sucesso da experiência leitora no espaço escolar. Portanto, este TCC tem como metodologia uma pesquisa bibliográfica, sendo utilizados como referenciais teóricos os autores Piërry Lévy, Wolfgang Iser, Umberto Eco e Gaston Bachelard.

Palavras-chaves: TDICs; teoria literária; jovem leitor; sala de aula.

RESUMEN

Este Trabajo de Finalización de Curso (TCC) tiene como objetivo problematizar la relación entre las TDICs, la teoría literaria y formación de jóvenes lectores en el espacio escolar, contemplando en particular la fenomenología y la estética de la recepción, con el fin de vislumbrar un espectro más amplio de cuestiones que involucran el aprendizaje de la lectura literaria como experiencia placentera y transformadora para el sujeto. Mucho se habla de la importancia de la literatura en la formación del joven; sin embargo, es fundamental entender de qué forma ese contacto con la literatura se da y cómo la misma es trabajada en el aula. En ese sentido, Antonio Candido además de ser una de las principales referencias brasileñas en el ámbito de los estudios literarios, se torna fundamental para orientar este estudio. El autor sostiene que la literatura debe ser incluida en el grupo de los derechos universales del hombre por su fuerza humanizadora, pues actúa en su formación psicosocial del sujeto. A partir de ese supuesto, esta investigación busca discutir de qué forma el profesor puede crear estrategias que estimulen al joven a tener una experiencia placentera y significativa con la lectura literaria, independientemente del soporte en que se haga. Aunque se oye mucho que los jóvenes no leen, vale la pena señalar que la mayoría de los libros más vendidos son de autores infantojuveniles como, por ejemplo, la obra de John Green, *La culpa es de las estrellas*, o *Harry Potter*, traducida a 64 idiomas, con ventas superiores a 325 millones en todo el mundo. Ciertamente, este interés por las obras literarias se debe al aporte de tecnologías dirigidas a la literatura, como tik tok que, según el comunicado de la empresa, se ha convertido en una tendencia fuerte que estimula a los usuarios a tener contacto con el universo literario. Además, ayuda a desmitificar la idea de que la literatura es algo aburrido, sin sentido para el joven, mucho debido a la forma como se presenta en la escuela; lo que se ve es que el encuentro entre literatura y los medios agudiza la curiosidad para la lectura de las obras. Otro medio de gran éxito es el Instagram, en el que hay perfiles creados exclusivamente para divulgar obras literarias. De ese modo, este trabajo se justifica como una mirada en el universo lector del que el joven forma parte y que no siempre se relaciona con el espacio escolar. La gran pregunta es entender por qué este mundo lector joven se mantiene tan desconectado del espacio escolar. Se trata de problematizar por qué este alumno que se niega a leer en la escuela, se convierte en un ávido lector más allá de sus muros, arrojando luz sobre la cuestión de si, y de qué manera, los estudios de teoría literaria pueden favorecer el trabajo docente con la literatura en el aula, contribuyendo al éxito de la experiencia lectora en el espacio escolar. Por lo tanto, este TCC tiene como metodología una investigación bibliográfica, interdisciplinaria, entre los enfoques didáctico-pedagógicos activos y la teoría literaria, en especial la fenomenología y la estética de la recepción, para contemplar un espectro más amplio de cuestiones que implican el aprendizaje de lectura literaria como experiencia estética placentera y transformadora del sujeto. De este modo, serán utilizados como referenciales teóricos los autores Pièrry Lévy, Wolfgang Iser, Umberto Eco y Gaston Bachelard.

Palabras claves: TDICs; teoría literaria; joven lector; salón de clases.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 MÍDIAS, O JOVEM LEITOR E A SALA DE AULA	15
2.1 Uma Nova Sala de Aula Para um Novo Leitor	19
3 TEORIA LITERÁRIA E O JOVEM LEITOR – QUE CONVERSA É ESSA?	26
3.1 A Voz do Poeta e o Olhar do Leitor: uma fenomenologia do encontro	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	41

APRESENTAÇÃO

A escolha do tema do meu trabalho de conclusão de curso (TCC) foi inspirada nas práticas de estágio obrigatório do Curso de Letras/Português, quando pude observar o pouco tempo dedicado em sala de aula ao trabalho com literatura. A turma a qual observei no estágio I foi o sétimo ano de ensino fundamental da educação básica, na disciplina de português, sendo que, uma vez por semana, eram trabalhados conteúdos de literatura. Na referida classe, constatei que geralmente eram apresentados apenas fragmentos dos textos literários, e com ênfase nos aspectos gramaticais. Em termos didáticos, o trabalho com literatura era desenvolvido da seguinte forma: os alunos escolhiam um livro na biblioteca e, toda quarta-feira, um período de aula era dedicado a uma leitura silenciosa; no final do semestre, cada aluno deveria apresentar um resumo oral sobre sua leitura. Levando em conta que um período tem quarenta e cinco minutos, percebe-se que esse tempo dedicado à leitura era realmente muito curto. Além disso, em todo o semestre foi solicitada apenas uma produção de escrita, ou seja, foram trabalhados poucos conteúdos e as leituras feitas foram pouco exploradas. Nas aulas, o livro didático sempre foi o único e principal norteador do trabalho, todos os conteúdos ensinados aos alunos foram retirados dele, não havia uma inovação na forma de ensinar. Nesse contexto, percebe-se quão importante é que o educador tenha vontade de aprender novas formas de ensinar e assim, otimizar o seu trabalho; do contrário, não há como formar um leitor crítico e reflexivo, ou motivar os alunos para a experiência leitora.

Outro motivo que me fez escolher este tema para o TCC foi a experiência como bolsista no Programa de Residência Pedagógica vinculada ao CAPS, do qual participei durante seis meses no período da Pandemia da COVID 19, em que o ensino era remoto. Foi uma experiência muito gratificante; no entanto, no momento de começar a prática de docência, não consegui aplicar meu plano de ensino devido à falta de alunos na sala virtual: eles nunca participaram das aulas online, mesmo fazendo um chamado pela *whatsapp*, explicando que a aula seria interessante, ou fazendo um convite para uma palestra em que poderiam tirar suas dúvidas. Isso me fez refletir sobre o futuro dos nossos alunos, e fiquei profundamente triste e incomodada com essa situação.

É muito comum escutar que o jovem é preguiçoso e que não gosta de ler; entretanto, segundo a organização da Bienal do livro de São Paulo de 2022, houve um aumento significativo de visitantes (660 mil), ou seja, 10% a mais do que a última edição

presencial em 2018. Segundo uma pesquisa realizada pela Nielsen BookScan, foram vendidos 36 milhões de livros entre janeiro e setembro de 2021 — um aumento de 39% em relação ao ano anterior, e esse aumento considerável foi de responsabilidade de um público específico: os jovens e os adolescentes.

1 INTRODUÇÃO

Como já mencionado na apresentação, com relação ao trabalho com literatura, há uma grande discrepância entre as práticas que se observam em sala de aula e os índices de vendagem e sucesso de interesse da parte do jovem leitor, tanto pelo livro material quanto pela versão digital.

Segundo o site COMUNICARE (2022), esse grande sucesso de vendagem se deve, em parte, à influência da empresa TIK TOK, que tem 1 bilhão de usuários ativos ao mês. A rede social agora conta com uma comunidade voltada para a literatura, conhecida como *BookTok*, na qual os usuários (conhecidos como “booktokers”) produzem diversos conteúdos, informando seus seguidores sobre sinopses de livros, teorias paralelas às narrativas, além de indicações literárias.

A hashtag “BookTok” conta com 449 bilhões de visualizações, sendo uma das mais visualizadas de todo o aplicativo [...]. Atualmente, a tag # Book Tok conta com cerca de 51,1 bilhões de visualizações em todo o mundo; no Brasil, os números ultrapassam os 3 bilhões (COMUNICARE, 2022).

No Instagram, também encontramos perfis dedicados aos livros. Anna Luisa da Motta Silveira Camara (2019) destaca que o Instagram possui mais de 1 bilhão de usuários em todo o mundo, sendo que o Brasil é o segundo país com maior número de consumidores, ficando atrás apenas dos Estados Unidos. O Instagram literário, ou *bookstagram* é um termo original da língua inglesa, que compreende perfis criados na plataforma do Instagram com o intuito de divulgar livros, mediar a leitura, aproximar pessoas com gostos de leitura similares e, assim, formar uma comunidade literária.

Segundo Carliene Cristina Oliveira da Silva (2016), essa comunidade pode ser considerada mediadora e incentivadora da leitura em uma rede social por vários motivos, como, por exemplo, o uso de uma linguagem coloquial semelhante à dos jovens. Além disso, há uma interação através de comentários; troca de opiniões sobre o livro que está sendo discutido, desafios literários, tais como metas que os leitores devem seguir e cumprir em um prazo estabelecido. Já as tags literárias consistem em responder perguntas cujas respostas devem ser relacionadas aos livros e, ao final, desafia-se outras pessoas a fazerem o mesmo; são propostas também maratonas

literárias, que consistem na prática de ler um livro ao mesmo tempo durante um prazo estipulado. Tudo isso vai despertando a curiosidade para os livros.

Outra rede social literária de grande sucesso é a *Wattpad*, na qual, além dos usuários lerem livros, também podem publicar suas obras, tanto livros, poemas, resenhas, quanto *fanfics*. Até setembro de 2020, o serviço contava com mais de 90 milhões de usuários mensais, 665 milhões de textos disponibilizados, e mais de 85% do tráfego a partir de dispositivos móveis, como tablets ou celulares.

Diante dos dados acima expostos, é fácil perceber que há uma divergência entre a realidade observada na sala de aula e os índices de vendagem de livros para adolescentes e jovens adultos. Além das altas taxas de participação nas plataformas dedicadas à literatura, essa diferença aponta para a relevância de um olhar atento para o trabalho com literatura na educação básica, problematizando metodologias, métodos, e também a formação docente para o trabalho com literatura, objeto deste TCC. Deste modo, dizer que o jovem não gosta de ler pode ser um equívoco; porém, ele precisa ser estimulado, principalmente no ambiente escolar. Por este motivo, cabe a nós, professores nos adequarmos a esse mundo das redes sociais, e usarmos a nosso favor a tecnologia com todas as ferramentas digitais disponíveis, criando estratégias eficientes para estimular cada vez mais o aluno para a leitura literária. Para garantir a função essencial do ensino de literatura, é fundamental que os professores e as escolas entendam que o seu principal objetivo é proporcionar ao aluno estratégias que lhe permitam fazer desse tipo de leitura uma experiência estética transformadora a nível psicossocial. Isso significa abordar a leitura de forma crítica, como um processo de construção de significado, e não como um processo mecânico de memorização. É importante que os professores se concentrem em desenvolver habilidades de leitura, como a interpretação, análise, reflexão e conhecimento, que são fundamentais para a compreensão da literatura.

Assim, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo problematizar a relação entre teoria literária – em especial a fenomenologia e a estética da recepção – e a formação do jovem leitor de literatura na educação básica, contemplando o fenômeno das mídias literárias como influenciadoras e criadoras de novos leitores, de modo a vislumbrar um espectro mais amplo das questões que envolvem o aprendizado de leitura literária.

Esta pesquisa se justifica enquanto um mergulho no universo leitor jovem, de modo a entender por que esse novo contexto se mantém tão desconectado do espaço escolar. É entender por que esse aluno, que se recusa a ler na escola, torna-se um ávido leitor para além de seus muros. É problematizar o papel da teoria literária e se, ou de que forma, esta pode funcionar como estratégia que favoreça o trabalho docente com literatura na sala de aula, contribuindo para o sucesso da experiência leitora. Para tanto, será utilizada, como metodologia, a pesquisa bibliográfica e, como referenciais teóricos, os autores Pierre Lévy, Wolfgang Iser; Umberto Eco e Gaston Bachelard.

2 MÍDIAS, O JOVEM LEITOR E A SALA DE AULA

Muito se fala da importância da literatura na formação do jovem; entretanto, é fundamental entender de que forma esse contato com a literatura se dá e como a mesma é trabalhada em sala de aula. Nesse sentido, Antonio Candido além de ser uma das principais referências brasileiras no âmbito dos estudos literários, torna-se fundamental para nortear este estudo. No seu artigo "O Direito à Literatura" (2011), o autor defende que a literatura deva ser incluída no grupo dos direitos universais do homem pela sua força humanizadora, pois atua na formação psicossocial do sujeito.

A partir desse pressuposto, esta pesquisa visa problematizar de que forma o professor pode se capacitar para construir estratégias que estimulem o jovem a ter uma experiência prazerosa e significativa com a leitura literária, independentemente do suporte em que ela seja feita. A relevância de um olhar atento para essa questão está no fato de muito se ouvir que os jovens não leem; entretanto, vale ressaltar que a maioria dos livros mais vendidos são de autores infantojuvenis como, por exemplo, a obra de John Green, *A culpa é das estrelas*, ou *Harry Potter*, traduzida para 64 línguas, com vendagem acima de 325 milhões em todo o mundo.

De acordo com os dados divulgados na pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró-Livro em 2016, o número de leitores no país aumentou de 50% para 56% entre os anos de 2011 e 2015. Outros dados da pesquisa mostram que as crianças e adolescentes apresentam o maior índice de leitores da população, sendo que a porcentagem entre 11 e 13 anos é de 84%. Por mais que o número de leitores do Brasil seja inferior se comparado com o de outros países, é impossível negar a relação do grande número de jovens leitores com o papel fundamental que os livros de Harry Potter causaram ao redor do mundo, incluindo o Brasil, dando maior visibilidade para livros infanto-juvenis e fazendo com que muitos jovens tomassem o gosto pela literatura <ZINT, 2020>.

Certamente, como já mencionado, esse interesse pelas obras literárias se deve à contribuição das tecnologias voltadas para a literatura como, por exemplo, o TIK TOK que, segundo comunicado da empresa, tornou-se uma tendência forte que estimula os usuários a terem contato com o universo literário. Esse novo contexto tecnológico-literário vem ao encontro do que já anunciado por Pierre Lévy na sua obra *Cibercultura*, publicada em 1997, tendo sua primeira tradução para o português em 1999. Na sua obra, o autor destaca a possibilidade de que as tecnologias intelectuais contribuam para reinventar o processo de aprendizado, proporcionando ao aluno uma experiência mais particularizada, que se ajuste ao seu ritmo e necessidades. O uso dessas ferramentas

como, por exemplo, a realidade virtual aproximam os alunos do objeto do estudo, estabelecendo uma relação direta e imediata com o que está sendo ensinado. Nesse sentido, Lévy defende que as tecnologias intelectuais devam ser usadas para enriquecer o saber e aprimorar a capacidade humana de pensar e produzir novas ideias. Na visão do autor, a educação tem que acompanhar essas mudanças e adaptar-se a elas para que os alunos possam se beneficiar da cibercultura e não se sentirem desamparados diante das novas tecnologias. Assim, é preciso criar novas formas de ensino que levem em consideração essa nova modalidade de cultura, e a utilização da tecnologia digital para a aprendizagem. Segundo o autor,

Devemos construir novos modelos do espaço dos conhecimentos. No lugar de uma representação em escalas lineares e paralelas, em pirâmides estruturadas em "níveis", organizadas pela noção de pré requisitos [sic] e convergindo para saberes "superiores", a partir de agora devemos preferir a imagem de espaços de conhecimentos emergentes, abertos, contínuos, em fluxo, não lineares, se reorganizando de acordo com os objetivos ou os contextos, nos quais cada um ocupa uma posição singular e evolutiva (LÉVY, 2000, p.145).

Além disso, o autor enfatiza que não é uma questão de a educação ser substituída pelas novas tecnologias mas, sim, adaptar-se e integrar-se a elas. A cibercultura deve ser vista como uma oportunidade de crescimento e não como um perigo, pois ela permite aos alunos acesso a um vasto conhecimento; e, aos professores, a chance de inovar nas formas de ensino. Porém, o avanço tecnológico não pode ser visto como uma mera adesão a novas formas de tecnologia, mas como um processo de aprendizagem e adaptação que envolve a mudança de comportamentos, normas e valores.

Nesse aspecto, Lévy faz uma ressalva sobre as tecnologias: a mesma inteligência coletiva que propicia a cibercultura, constitui um instrumento para a exclusão, um veneno para aqueles que dela não participam. Conforme o autor,

[...] um de seus principais efeitos é o de acelerar cada vez mais o ritmo da alteração tecno social [sic], o que torna ainda mais necessária a participação ativa na cibercultura, se não quisermos ficar para trás, e tende a excluir de maneira mais radical ainda aqueles que não entraram no ciclo positivo da alteração, de sua compreensão e apropriação (LÉVY, 2000, p. 25).

Ou seja, algumas pessoas são excluídas da cibercultura não apenas porque não têm acesso a ela, mas também porque não sabem como usufruir dos recursos tecnológicos disponíveis, não são devidamente educadas para adentrar esse novo

paradigma; conseqüentemente, são excluídas das comunidades digitais, perdendo, assim, o acesso à informação, à educação e ao crescimento intelectual que essas comunidades oferecem. A consequência é que, enquanto pessoas se beneficiam da cibercultura, muitas outras são deixadas para trás, o que pode exacerbar problemas sociais já existentes.

Por meio das práticas docentes, estágios e outros projetos desenvolvidos nos cursos de licenciatura voltados para o trabalho em espaços formais de educação, é possível perceber a dificuldade que alguns professores enfrentam com o uso das ferramentas digitais. Diante disso, é muito importante investir na capacitação dos professores, pois os alunos estão quase sempre familiarizados com a utilização das tecnologias, enquanto muitos docentes não estão preparados ou qualificados. Esse estranhamento com relação ao uso das tecnologias em sala de aula favorece a manutenção de abordagens didáticas tradicionais, sobretudo nas aulas de literatura, gerando desinteresse nos alunos. Uma das razões para isso é o fato de que muitas vezes a leitura literária fique restrita ao livro didático, sendo feita por fragmentos e atrelada à realização de atividades repetitivas, com ênfase nos aspectos gramaticais, desconsiderando estratégias criativas e/ou interativas.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (PCNs, 1997, p. 67), “[...] o livro didático não deve ser o único material a ser utilizado, pois a variedade de fontes de informação é que contribuirá para o aluno ter uma visão ampla do conhecimento”. No entanto, para que isso aconteça, é necessário que os docentes recebam treinamentos adequados e conheçam cada vez mais sobre métodos eficazes de ensino, técnicas de mediação de conhecimento, para que, assim, os alunos possam aproveitar o máximo da experiência adquirida com novas tecnologias e, conseqüentemente, desenvolver novas competências para o mundo do trabalho.

Na visão de Lévy (2000, p. 145), “[...] o professor é incentivado a tornar-se um animador da inteligência coletiva de seus grupos de alunos em vez de um fornecedor direto de conhecimentos”. O autor enfatiza que a tecnologia não deve ser a solução para todos os problemas educacionais, mas uma ferramenta para melhorar a qualidade e a eficácia da educação, sendo necessário questionar as formas tradicionais de ensino e incorporar novas práticas que envolvam o uso de tecnologias digitais. Além disso, destaca a importância de acompanhar conscientemente a mudança de civilização que

está ocorrendo com o uso da tecnologia na educação para que se prepare os alunos para as demandas do mundo contemporâneo, cada vez mais digitalizado.

Não se trata aqui de usar as tecnologias a qualquer custo, mas sim de acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização que questiona profundamente as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais tradicionais e sobretudo os papéis de professor (LÉVY, 2000, p. 158).

Neste novo contexto, o que se vê é que o encontro entre literatura e as mídias aguça a curiosidade para a leitura das obras literárias, por esse motivo, as mídias, por serem uma ferramenta valiosa, podem ser usadas de forma positiva também pelos professores para estimular o interesse dos jovens pela literatura na escola. Assim como muitas editoras apresentam trechos de livros para divulgar uma obra ou um autor em específico para incentivar os jovens a lerem, a escola também poderia usar estratégias desse tipo para divulgar conteúdos relacionados à literatura, o que poderia aproximar os jovens ao mundo da leitura literária.

2.1 Uma Nova Sala de Aula Para um Novo Leitor

Diante dos dados apresentados acima, o desafio para o professor é o de buscar novas formas de ensino e aprendizagem que respondam à necessidade de inserção das novas tecnologias e, ao mesmo tempo, de desenvolvimento integral do aluno. Para tanto, é preciso que o professor esteja efetivamente capacitado para o uso dessas tecnologias e sua aplicação nos processos de aprendizagem dentro e fora dos espaços escolares, proporcionando ambientes motivadores que estimulem o interesse dos alunos e sua capacidade de pensar criticamente.

No que tange a literatura, a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) apresenta diversas sugestões para a exploração de obras ficcionais por meio das práticas digitais de leitura, tais como: leitura em dispositivos eletrônicos; uso de plataformas digitais para compartilhar críticas e impressões; realização de pesquisas na internet sobre o contexto histórico e cultural em que as obras foram produzidas, etc. Os estudantes podem ser incentivados a produzir textos multimodais que combinem diferentes linguagens, como texto, imagem, som e vídeo, para representar suas impressões e interpretações sobre as obras literárias, os quais podem ser compartilhados com os demais leitores por meio de plataformas digitais. Conforme a BNCC,

Depois de ler um livro de literatura ou assistir a um filme, pode-se postar comentários em redes sociais específicas, seguir diretores, autores, escritores, acompanhar de perto seu trabalho, podemos produzir playlists, vlogs, vídeos minutos, escrever fanfics, produzir e-zines, nos tornar booktuber, dentre outras muitas possibilidades (BRASIL. Ministério da Educação. Base Comum Curricular, 2017, p. 68).

Essas são apenas algumas das sugestões apresentadas pela BNCC para a exploração das obras literárias por meio das práticas digitais de leitura. O objetivo dessas práticas é aproximar os estudantes dos recursos tecnológicos da realidade virtual e capacitá-los a compartilhar críticas e impressões com os demais leitores, enriquecendo assim a sua experiência literária.

Desse modo, é possível afirmar que as práticas pedagógicas devem ser reformuladas, considerando a utilização de recursos tecnológicos que busquem fortalecer a interação entre o professor e seus alunos, por meio da criação de ambientes educacionais que contemplem noções de multimodalidade, individualização e autonomia. Neste contexto, fica evidente a necessidade de atualização constante e

especialização dos profissionais para que o ensino se mostre eficaz e os alunos obtenham melhor aproveitamento dos recursos tecnológicos. Isso é de extrema importância para que os professores tenham uma base para desempenhar suas funções de maneira adequada, o que implica o domínio das TICs, além de habilidades como inovação e criatividade. Vejamos o que diz a BNCC:

As novas ferramentas de edição de textos, áudios, fotos, vídeos tornam acessíveis a qualquer um a produção e disponibilização de textos multissemióticos nas redes sociais e outros ambientes da Web. Não só é possível acessar conteúdos variados em diferentes mídias, como também produzir e publicar fotos, vídeos diversos, podcasts, infográficos, enciclopédias colaborativas, revistas e livros digitais etc (BRASIL. Ministério da Educação. Base Comum Curricular, 2017, p. 70).

De acordo com a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), duas das competências gerais estão diretamente relacionadas ao uso de tecnologia. A competência geral número três diz que é necessário utilizar tecnologias digitais de comunicação e informação de forma crítica.

Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação (BRASIL. Ministério da Educação. Base Comum Curricular, 2017, p. 67).

Já a competência geral número cinco propõe:

Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos. (BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular, 2017, p. 67).

Ambas as competências destacam a importância do uso responsável e crítico da tecnologia digital, como as redes sociais, os aplicativos, celulares, tablets, bem como a necessidade de utilizá-la de forma eficiente e criativa para se comunicar e obter informações. Daí a importância de, aqueles professores que ainda não se adequaram às novas tecnologias, desenvolverem suas habilidades em todas essas formas de comunicação, pois eles têm um papel crucial na preparação e formação dos alunos para um mundo cada vez mais tecnológico. Portanto, eles precisam estar abertos para a incorporação das novas linguagens na sala de aula, utilizando-as de forma eficiente

e responsável. Nesse sentido, a BNCC apresenta uma proposta curricular que visa contemplar essas novas demandas. Dentro da área de Linguagens, especificamente, a mesma estabelece que os estudantes devem desenvolver competências relacionadas à Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna, Artes e Educação Física. Ou seja, nessa nova proposta, a literatura não constitui mais uma disciplina específica, sendo tratada como conteúdo secundário. Além disso, sobrecarrega o professor com um excesso de autonomia, tendo em vista que caberá a ele escolher qual linguagem e/ou gênero, estilo, período histórico irá utilizar na sala de aula. Portanto, a literatura tem reduzido seu espaço e tempo na grade curricular da educação básica e, por consequência, seu poder de transformação psicossocial (CANDIDO, 2011) pela diminuição de uma experiência leitora fundamental para a potencialização dos processos de letramento do sujeito. O resultado é uma formação menos humanizada, menos crítica dos estudantes, o que contribui para a perpetuação das desigualdades sociais e culturais, uma vez que a literatura é parte essencial desse processo, pois ajuda a desenvolver a imaginação, a criatividade e a capacidade de análise crítica. É através da experiência de leitura literária, por meio de estratégias didáticas adequadas, que o aluno ampliará suas redes de sinapses, desenvolvendo estruturas de pensamento mais complexas que lhe permitam fazer leituras subliminares do texto e do mundo. Segundo Terry Eagleton,

O leitor estabelece conexões implícitas, preenche lacunas, faz deduções e comprova suposições – e tudo isso significa o uso de um conhecimento tácito do mundo em geral e das convenções literárias em particular. [...] Sem essa constante participação ativa do leitor, não haveria obra literária (EAGLETON, 1997, p. 105).

Somando-se às vozes preocupadas com os efeitos funestos do desaparecimento da disciplina de literatura na educação básica, Nathalia Soares Fontes e Fabiano Antonio Santos, em seu artigo “A Ausência da Literatura na Base Nacional Comum Curricular para o Ensino Médio”, afirmam:

Ainda que durante séculos o ensino de literatura tenha enfrentado mudanças metodológicas, poucos foram os questionamentos de sua existência e valor (que atendia muito bem aos interesses utilitaristas da sociedade burguesa). Mas é no século XX que sua importância perde centralidade no projeto de formação capitalista, deixando de olhar a literatura como ferramenta formativa e passando a considerá-la disciplina auxiliar ao ensino de linguagem. No Brasil, um bom exemplo do descrédito da literatura no espaço escolar é sua

mudança nos currículos. Alterações de nomes, inserções em subáreas vão relegando papel secundário ao seu ensino (FONTES; SANTOS, 2020, p. 8).

De acordo com os autores acima, os movimentos de renomeação e realocação da disciplina Literatura pouco tem sido causa de discussão, reflexão e problematização das suas consequências a nível social, cultural, político e econômico, sobretudo entre os próprios professores, o que revela desinteresse (ou desconhecimento) pela verdadeira função da literatura, que em muito transcende questões de erudição e status social.

Nesse viés, Roland Barthes, em sua obra de 1978 e, infelizmente, ainda de extrema atualidade, intitulada *Aula*, defende a literatura como uma forma de conhecimento e experiência, argumentando que a mesma oferece uma compreensão profunda e complexa do mundo e da vida humana que não pode ser reduzida a conceitos ou teorias abstratas. O autor elogia a literatura por sua capacidade de estimular a imaginação e a criatividade, e por sua capacidade de nos conectar com outras pessoas e culturas.

Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que deveria ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário (BARTHES, 1978, p. 16).

Em resumo, Barthes considera a literatura como uma forma de conhecimento e experiência que vai além da ciência e da filosofia. Para o autor, a literatura é capaz de capturar e transmitir a experiência humana de maneira profunda e complexa, proporcionando uma compreensão mais rica e diversa do mundo e da vida humana. Porém, o autor ressalta que, quando fala de literatura, não está se referindo a um conjunto de obras literárias, mas, sim, à prática da escrita literária em si. O autor acredita que a literatura não é apenas um produto final, mas um processo criativo que envolve a produção de novas formas de expressão e experimentação com a linguagem. Barthes também traz uma reflexão sobre a posição do professor de Letras na sociedade contemporânea, enfatizando a relevância da atividade de pesquisa e de fala como uma experiência prazerosa. Segundo o autor, a atividade do professor de Letras não deve ser limitada a julgar, escolher e promover, mas incluir a pesquisa e a fala fora

dos espaços institucionais, pois isso é importante para manter a integridade da atividade e para preservar a liberdade de pensamento e de expressão. De acordo com Barthes, o professor deve figurar um pensamento livre das sujeições e imposições sob a forma de uma linguagem que só obedece a seus desejos, pois é através de um saber reflexivo que o ensino deve acontecer. Assim, o professor vai desconstruindo hierarquias em sala de aula, incentivando o diálogo e respeitando as diferentes perspectivas.

[...] o professor não tem aqui outra atividade senão a de pesquisar e de falar – eu diria prazerosamente de sonhar alto sua pesquisa – não de julgar, de escolher, de promover, de sujeitar-se a um saber dirigido: privilégio enorme, quase injusto, num momento em que o ensino das letras está dilacerado até o cansaço, entre as pressões da demanda tecnocrática e o desejo revolucionário de seus estudantes. Sem dúvida ensinar, falar simplesmente, fora de toda sanção institucional, não constitui uma atividade que seja, por direito, pura de qualquer poder: o poder (a libido *dominandi*) aí está, emboscado em todo e qualquer discurso, mesmo quando este parte de um lugar fora do poder (BARTHES, 1978, p. 9).

Dessa forma, o papel do professor não deve ser de um mero transmissor de conhecimentos, mas de mediador entre obra literária e os alunos, despertando neles o interesse e a complexidade da experiência de ler literatura. Isto não significa que todos os alunos serão obrigados a gostar de literatura, mas deverão ter a oportunidade de compreender a importância e o efeito da mesma em suas vidas. Então, para que atinja esse objetivo, o professor deverá ser alguém que ame literatura e, sobretudo, que leia literatura, de modo a transmitir essa experiência estética aos seus alunos, não de forma imposta, mas aguçando sua curiosidade pelas dimensões não aparentes do texto literário: os entre-espaços, os não-ditos, os subterrâneos metafóricos do texto, etc.

Aqui, é preciso mencionar uma outra dimensão da obra literária: o seu “estatuto de objeto de arte” (JOUVE, 2012), cuja compreensão é fundamental para que nos desviemos de interpretações binárias, simplistas; evitando questões do tipo “o que o autor quis dizer?”, ou “qual o significado da obra?” – tão comuns em sala de aula. É preciso lembrar que as obras literárias, em geral, apresentam múltiplas camadas de significado e significação, as quais podem ser interpretadas de diversas maneiras conforme o grau de maturidade leitora de cada receptor. Isto porque não é possível acessar de fato a intenção do autor, o que por si só constitui uma chave de leitura importante para a interpretação subjetiva, já que cada um tem conhecimentos prévios,

experiências e perspectivas únicas que podem influenciar na forma como interpreta e compreende a obra literária. É importante que o aluno saiba entrar na trama do texto, levando em conta sua experiência e perspectiva próprias, sendo que cabe ao professor estimulá-lo a pensar criticamente e a explorar diferentes possibilidades de interpretação diante da complexidade e ambiguidade da obra literária. Por isso, é importante que, ao pedir que os alunos leiam uma obra literária, o professor de literatura considere o nível de conhecimento prévio de seus estudantes e a necessidade de provocar conexões entre velhos e novos saberes, diferentes obras e autores, identificando tendências literárias.

Dito de outra forma, o trabalho com literatura, inevitavelmente, coloca em discussão a formação docente, tendo em vista que um trabalho novo com literatura implica compreender as diversas abordagens teóricas que podem ser aplicadas à análise de uma obra. O professor deve conhecer os constructos narrativos de uma obra literária, como a diferença entre fábula e trama, tipos de espaço/tempo, de narradores, etc., que são elementos estruturais da narrativa e que podem influenciar na forma como os alunos adentram a leitura e interpretam a obra.

Ou seja, precisa ser um sujeito-professor efetivamente letrado e, para isso, é preciso que as políticas públicas para a educação não apenas criem demandas, mas também estruturas de capacitação e qualificação do docente para o trabalho com literatura. É imprescindível que a educação formal assuma o seu papel de multiplicadora de saberes e de experiências de aprendizado estético significativo, enriquecedor, que forme sujeitos capazes de, primeiramente, reconhecer e respeitar seus saberes prévios para, então, questionar e produzir discursos, atuando e transformando a realidade na qual estão inseridos – este é o poder da literatura.

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 1995, p. 249).

Neste novo contexto, é importante fazer uso em sala de aula de metodologias que aproximem o jovem leitor do texto literário, dissolvendo barreiras e preconceitos rançosos de inacessibilidade à leitura poética. É possível e necessário fazer uso da

literatura para promover uma educação que respeite a diversidade e valorize as diferenças individuais, pois a literatura não é uma atividade isolada, ela está intimamente ligada ao contexto social e histórico em que se insere. Portanto, é importante que os professores estejam instrumentalizados com os estudos de teoria literária para um trabalho que faça da leitura uma experiência de dimensão transformacional no âmbito subjetivo e social. Isto significa, como já mencionado, ter uma compreensão mínima dos conceitos e estratégias literárias, de modo a atuar como mediador entre a obra e o jovem leitor, lançando luz sobre as múltiplas camadas textuais e, conseqüentemente, ampliando e problematizando seu espectro interpretativo – esse é o exercício de leitura crítica que efetivamente desenvolve a competência leitora. Então, para esse novo aluno, será necessário uma nova sala de aula e, conseqüentemente, um novo professor que, por ser capaz de enxergar Alice, é capaz de encontrar a "toca do coelho" e apontar o caminho para seus novos leitores.

3 TEORIA LITERÁRIA E O JOVEM LEITOR – QUE CONVERSA É ESSA?

Não há dúvida de que a literatura é de grande importância para a formação e desenvolvimento humano e que o século XXI trouxe consigo uma série de transformações tecnológicas que impactaram profundamente a educação, especialmente no que tange os estudos literários. Com a internet e as novas tecnologias de comunicação e informação, a forma como as pessoas acessam, compartilham e constroem conhecimento mudou radicalmente e a literatura não ficou a salvo dessas mudanças. Hoje, é possível acessar uma quantidade praticamente infinita de informações e recursos educacionais através da internet, o que tem democratizado o acesso ao conhecimento e possibilitado novas formas de aprendizado e interação com o saber. As tecnologias digitais também têm permitido o desenvolvimento de novas metodologias, como no ensino de leitura literária, pois, através das redes sociais e outras plataformas digitais, têm permitido a criação de comunidades de aprendizagem, onde os estudantes podem se conectar com outros colegas, professores e especialistas para trocar informações, colaborar em projetos e discutir temas relevantes para o seu aprendizado. Vale enfatizar aqui também a possibilidade desses estudantes, jovens ou não, colocarem sua voz na rede como escritores, construindo uma identidade autoral ou encoberta pela anonimidade através do uso de memes, etc. No entanto, é importante destacar que as tecnologias digitais não substituem o espaço da escola e do papel do professor como mediador do processo de aprendizagem e também de leitura literária. É fundamental que as instituições de ensino se adaptem às novas demandas e possibilidades oferecidas por essas tecnologias, mas também que façam uso das mesmas como estratégias para desenvolver processos educacionais sistêmicos em que elas se tornem uma ponte de aproximação efetiva entre conhecimento e crescimento pessoal, explorando as ferramentas de interação disponíveis.

No âmbito da literatura, muito pode ser feito na sua intersecção com a tecnologia da informação na sala de aula. Em vez de rejeitar essas novas ferramentas, os professores podem fazer uso das mesmas como aliadas para o estímulo e a promoção da leitura literária no espaço escolar. O importante é utilizá-las de forma consciente e estratégica de modo a potencializar os processos de aprendizagem dos alunos com a preparação de materiais didáticos, como fóruns de discussão on-line, jogos literários, vídeos, entre outros, como estratégias para envolver os alunos no jogo da experiência

literária, encorajando-os a interagir com outros leitores e compartilhar suas impressões sobre as leituras, criando espaços de debate e reflexão. No entanto, é importante ressaltar que o uso da tecnologia não prescinde do conhecimento e da compreensão do professor sobre teoria literária, uma vez que é ela que o capacita para o ensino de literatura como instrumento efetivo e potencializador do letramento.

Sônia Bratfich Savaris e Stela de Castro Bichuette, em seu artigo *Letramento Literário Humanização e Senso Crítico*, enfatizam a importância da instrumentalização do professor para a formação dos estudantes. Segundo as autoras, “o educando necessita do letramento para a sua vida, pois a leitura é um meio para a aquisição do conhecimento” (2013, p. 3). O letramento literário é uma competência fundamental que ajuda os estudantes a compreender o mundo ao seu redor e a desenvolver habilidades críticas de pensamento e, para isso, é necessário que os professores sejam suficientemente letrados e preparados não apenas em relação às melhores práticas pedagógicas, teorias e metodologias de ensino, mas também às teorias literárias e que sejam também eles professores-leitores, capazes de estabelecer um elo entre o aluno e o texto literário.

Rafael Kafka, em seu texto *Leitor Modelo e Aluno Modelo: conceitos dos quais devemos nos livrar*, enfatiza a relevância do papel do professor nesse processo de construção interativa com o texto literário, afirmando que

Alguns professores gostam de criticar alunos por não terem hábito de leitura, mas não entendem que sua crítica é vazia, pois eles não passam aos estudantes a sensação de serem alguém que ama a leitura. O primeiro passo para fazer a mediação é justamente falar de leitura em um tom cheio de entusiasmo e amor, pois há uma emulação por parte dos alunos que procurarão entender a essência daquele prazer e trazê-los para suas vidas. Projetamos nos alunos um modo de ser o qual não somos, queremos alunos leitores sem sermos leitores (KAFKA, 2019, s.p.).

Ou seja, é crucial que os professores tenham o hábito e paixão pela leitura literária de modo a efetivamente motivarem seus alunos a descobrir o prazer do jogo da leitura. Além disso, é preciso considerar as condições para o trabalho docente com literatura, sobretudo tempo e espaço na grade curricular que lhe permitam desenvolver projetos de ensinagem de leitura literária.

[...] um currículo engessado em saberes prontos e fechados, saberes os quais devem ser memorizados e reproduzidos perfeitamente em uma prova sem sentido algum para esses jovens. O aluno modelo é um devaneio pedagógico em meio aos constantes ataques sofridos pela educação em nosso país[...] (KAFKA, 2019" s.p).

Conforme Míriam Zafalon, em seu artigo *Refletindo sobre Leitura e o Ensino de Literatura* (2015),

[...] é imprescindível que o professor prepare seu trabalho para as aulas de literatura respeitando um princípio básico: o professor deve ser “leitor”, ele deve ter lido previamente as obras que solicitar para seus alunos. Se o professor não lê, não é um leitor experiente, se não conhece algumas teorias literárias que norteiam seu trabalho, não terá subsídios para abordar literatura em suas aulas. Teorias literárias são instrumentos que devem ser bem manuseados pelos educadores com a finalidade de apreenderem melhor a literatura e poderem repassar e construir conceitos e valores junto aos seus alunos de forma produtiva (ZAFALON, 2015, p. 9).

Entre as muitas teorias literárias, pode-se citar aqui a contribuição da Estética da Recepção para a tomada e/ou ampliação da consciência leitora ao apontar a relevância da participação ativa do leitor no jogo autor-texto-leitor. Wolfgang Iser, em sua obra *Ato de leitura* (1976), apresenta diversas estratégias que podem ajudar muito os docentes em suas práticas. O autor argumenta que os textos literários são incompletos sem a participação ativa do leitor na sua interpretação, pois a este cabe a tarefa de preencher as lacunas deixadas pelo autor, uma vez que é na interação entre o texto e o leitor que a experiência estética irá acontecer. Esse processo é definido por Iser como o “jogo do texto”; ou seja, compreender um texto não é simplesmente uma questão de decodificar palavras e frases, mas envolve um ato de cocriação do leitor na construção do significado do mesmo. O leitor é convidado a jogar com o que o autor fornece – a sua construção narrativa, a trama –, que são as regras e os elementos do jogo. Desse modo, o texto é moldado e transformado pela interação leitor-texto, sendo que a mesma ocorrerá de acordo com o repertório de cada sujeito, isto é, na exata proporção do seu grau de letramento. Conforme Iser,

Os autores jogam com os leitores e o texto é campo do jogo. O próprio texto é o resultado de um ato intencional pelo qual um autor se refere e intervém em um mundo existente, mas conquanto o ato seja intencional, visa algo que ainda não é acessível à consciência. Assim o texto é composto por um mundo que ainda há de ser identificado e que é esboçado de modo a incitar o leitor a imaginá-lo e, por fim, a interpretá-lo (ISER, 1996, p.107).

Assim, a leitura se desenvolve em um processo dinâmico e criativo que tem como resultado uma ampliação da consciência de mundo do leitor ao acessar e se identificar com o mundo imaginado do autor.

Autor e leitor participam, portanto, de um jogo de fantasia; que sequer se iniciaria se o texto pretendesse ser algo a mais do que uma regra de jogo. É que a leitura só se torna um prazer no momento em que nossa produtividade entra em jogo, ou seja, quando os textos nos oferecem a possibilidade de exercer as nossas capacidades (ISER, 1999, p.10).

Pode-se dizer que a Estética da Recepção vê a literatura como uma forma de provocação no sentido de levar o leitor à busca de novos significados e incentivá-lo a ter uma visão ampla e crítica tanto da obra literária quanto de sua própria identidade. Entretanto, é preciso lembrar que esse jogo de provocações requer o conhecimento das teorias literárias porque, somente quando instrumentalizado com elas, o professor poderá guiar seus alunos no jogo poético, capacitando-os para leituras e interpretações mais complexas, auxiliando-os no desenvolvimento de habilidades de pensamento crítico através do exercício de identificar e preencher as lacunas narrativas (os entre-espaços do texto), identificar as técnicas e características do estilo de um determinado autor, analisar a interação autor-texto-leitor, etc.

Em outras palavras, o significado de uma obra literária é algo que o leitor constrói por meio da sua interação com o texto, e não algo que pode ser extraído diretamente do mesmo. Daí a importância de o professor compreender os elementos constitutivos desse jogo e os modos como estes são utilizados pelo autor. É o conhecimento de teoria literária por parte do professor que mudará o jogo do aluno com o texto porque, ao conhecer as regras, poderá provocar a atenção do jovem leitor para além da fábula (tema da obra), levando-o para a dimensão da trama (construção narrativa) onde se localizam as “armadilhas do texto”. Então, surgirão diante dos olhos surpresos do leitor uma infinidade de mundos, camadas de significações, jogos de tempos e espaços da memória, do devaneio, da alma de seres de papel que passam a ter vida própria; uma voz que somente um leitor preparado é capaz de reconhecer e ser afetado por ela. Eis por que é importante estudar como os textos, o narrador, os personagens são construídos, tanto quanto compreender os processos cognitivos e emocionais que ocorrem durante a leitura, para que possamos verdadeiramente fruir da experiência literária: como se processam a imaginação, a identificação do leitor com os personagens, temas, etc. Lembrando sempre que, segundo Iser (1996, p. 53), o

significado de uma obra de arte não é fixo e imutável, mas construído pelo leitor ao longo do processo de leitura e, portanto, não faz sentido indagarmos o que um texto quer dizer ou o que um autor quer dizer, mas “o que sucede com o leitor quando sua leitura dá vida aos textos ficcionais”.

Na esteira de Wolfgang Iser, Umberto Eco, em sua obra *Lector in Fabula* (1979), discute a noção de "leitor-modelo" e a ideia de que cada leitor traz seu próprio conjunto de experiências. Segundo o autor, os leitores podem ser categorizados em vários grupos com base em suas experiências e conhecimentos anteriores, os quais impactam a sua compreensão dos textos. Ao usar essas categorias, Eco sugere que a leitura crítica envolve estar ciente dessas categorias. Isto porque ler e escrever são processos sociais e culturais que envolvem não apenas o autor e o texto, mas também o leitor e as diversas influências culturais que moldam suas expectativas de interpretação. Para o autor, o texto é um emaranhado de pistas esperando que o leitor preencha lacunas ou elementos já cruzados em outros textos; assim, o leitor deve tomar a iniciativa de inventar frases significativas porque o texto é silencioso. De acordo com Eco (1986, p. 37), “um texto é um mecanismo preguiçoso (ou econômico) que vive da valorização de sentido que o destinatário ali introduziu”, de forma que, “à medida que passa da função didática para a estética, o texto quer deixar ao leitor a iniciativa interpretativa”. Ou seja, essa declaração reitera que o texto é um estado potencial que exige ser percebido pelo leitor. Preparar tais espaços para a leitura é um desafio para o leitor, mas primeiramente para o professor, responsável por mediar a iniciação leitora do aluno, pois o docente precisa considerar e avaliar representações construídas anteriormente, ou seja, elementos já organizados, para processá-las novamente. Conforme Eco,

[...] o que devemos dizer já é que um texto postula o próprio destinatário como condição indispensável não só da própria capacidade concreta de comunicação, mas também da própria potencialidade significativa. Em outros termos, um texto é emitido por alguém que o atualize embora não se espere (ou não se queira) que esse alguém exista concretamente e empiricamente (ECO, 2004, p. 37).

Esse “alguém” a que se refere Umberto Eco nada mais é que o “leitor-modelo”, o receptor primordial, não necessariamente real, mas fundamental para o diálogo inicial do autor com seu texto. O texto configura-se, então, como um campo de provocações múltiplas, instigando ao mesmo tempo o autor-leitor, seu leitor-modelo, e um possível,

incógnito leitor. Configura-se também como um campo de esperança: o profundo desejo que o autor impregna no seu texto de ser totalmente acolhido, compreendido, decifrado por um leitor ideal, capaz de adentrar os subterrâneos do texto e chegar na sua alma, talvez, na alma do poeta, reconhecendo-se nela – o lugar onde o leitor sente que as palavras do poeta poderiam/deveriam ter sido uma criação sua (BACHELARD, 2003).

3.1 A Voz do Poeta e o Olhar do Leitor: uma fenomenologia do encontro

Em *A Poética do Espaço* (2003), Gaston Bachelard propõe uma topologia do espaço poético, estabelecendo uma relação com o espaço da casa. Na sua introdução, o filósofo enfatiza que, ao estudarmos a imaginação poética, devemos abrir mão de noções pré-concebidas, de modo a superarmos a mentalidade científica que busca apenas explicações objetivas e quantificáveis do mundo. Ao reconhecer que a realidade é construída através de cada uma de nossas percepções e experiências únicas, ressalta a importância de abraçar a subjetividade e a intuição. Bachelard afirma que uma imagem não requer conhecimento prévio em sua forma mais básica; ela emerge da consciência inata sem precisar estar fundamentada em um conhecimento *a priori*. O autor salienta que a experiência subjetiva dos espaços íntimos, como os cômodos da casa, desempenha um papel fundamental na construção do nosso pensamento, da mesma forma que os espaços mentais, onde as imagens, sonhos e fantasias são gerados e explorados. Então, esses espaços devem ser estudados através de uma lente fenomenológica, como um modo de entender como eles afetam nossa percepção, memória e emoções. Bachelard evidencia a importância de uma psicologia do devaneio e o papel dos sonhadores que o estudam na formação do pensamento e da imaginação, assim como uma fenomenologia das “imagens criantes”, capaz de compreender a ação inovadora da linguagem poética, mesmo em leitores comuns. Ou seja, é importante desenvolver uma fenomenologia do imaginário, onde a imaginação tem um lugar central como princípio que conduz à evolução psíquica. Bachelard advoga a importância de entender a imaginação como uma força estimuladora imprescindível no processo de criação e desenvolvimento do pensamento.

Nesse jogo de fabulação poética, de “imagens criantes” do qual o leitor participa ativamente, o filósofo aponta duas etapas fundamentais no processo de apreensão dessas imagens: a repercussão e a ressonância.

[...] as ressonâncias dispersam-se nos diferentes planos da nossa vida no mundo; a repercussão convida-nos a um aprofundamento da nossa própria existência. Na ressonância ouvimos o poema [texto]; na repercussão o falamos, ele é nosso. (BACHELARD apud CARDONETTI; OLIVEIRA, 2018, p.5).

Ou seja, a repercussão é o impacto que a imagem poética causa em nós no nível do inconsciente, o que o filósofo-poeta vai chamar de realce no psiquismo inteiro; em uma linguagem prosaica, o arrepio, a emoção, a lágrima que escapa ao sermos tocados

pela imagem poética, que tem o poder de nos traduzir de forma inaugural. A ressonância nos letra, pois aciona nossos saberes, nossas experiências, nosso repertório, convidando-nos a ressignificá-los a partir do encontro com a imagem poética e a sua repercussão em nós. Segundo Bachelard, no processo de leitura, uma imagem é oferecida e, através dos processos fenomenológicos, o leitor consegue captar essa imagem poética e, assim, ela passa a ser sua. Ou seja, ela adere a nós e estabelece uma ligação íntima, tornando-se parte de nossa experiência e de nossas percepções. Desse modo, ressalta a importância da leitura como uma forma de imersão e envolvimento pessoal, em que somos transformados e enriquecidos pela interação com o texto. Em sua fenomenologia para a imagem poética, relaciona a mente, o imaginário e o ambiente físico; suas ideias sobre a repercussão da leitura exprimem seu interesse pela dimensão subjetiva da experiência humana, pelas nossas percepções de mundo, e como a imaginação e a interpretação moldam nossa compreensão do mesmo.

[...] a imagem que a leitura do poema nos oferece faz-se verdadeiramente nossa. Enraíza-se em nós mesmos. Recebêmo-la, mas nascemos para a impressão de que poderíamos criá-la, de que deveríamos criá-la. A imagem se transforma num ser novo de nossa linguagem, exprime-nos fazendo-nos o que ela exprime, ou seja, ela é, ao mesmo tempo, um devir de expressão e um devir de nosso ser (BACHELARD, 2003, p. 10).

Através da leitura literária, há uma interação entre a imagem poética e nosso próprio ser; então, somos encorajados a acessar níveis mais profundos de entendimento. Isto porque a leitura nos liga profundamente com a imagem produzida pelo autor, e essa imagem cola dentro de nós, leitores, dando-nos a sensação de tê-la criado, ou de que deveríamos tê-la criado. Essa imagem, ao se converter, passa a fazer parte da nossa linguagem.

No artigo "Escrita Acadêmica: Repercussões e Ressonâncias Propagadas em um Coletivo" (2018), Vivien Kellig Cardonetti e Marilda Oliveira de Oliveira afirmam que,

Na repercussão, o texto que se lê reverbera em nós, a ponto de se ser capturado e atingido, passando a fazer parte das nossas entranhas. Nesta atmosfera acontecimental, em que se experiencia a leitura, uma imagem é oferecida, ela passa a ser nossa, ela adere e faz liga [...] (CARDONETTI e OLIVEIRA, 2018, p. 5).

Neste ponto, pode-se questionar o que o acima exposto tem a ver com o jovem leitor e a sala de aula da educação básica, uma vez que se está falando de pensamento filosófico complexo que muitos graduandos, ou graduados na educação superior não

conseguem compreender. A resposta é simples: TUDO! Entretanto, isto não significa ensinar estética da recepção ou fenomenologia aos alunos do ensino fundamental e médio, mas o professor fazer uso desse *corpus* teórico para a construção das estratégias didáticas para a ensinagem de leitura literária e, para isso, precisa estar capacitado, ou seja, possuir, ou dominar minimamente, o repertório de teorias literárias.

Não é novidade que o papel do professor de literatura é fundamental como norteador na participação ativa dos estudantes, promovendo uma visão mais plural e diversa da literatura, reconhecendo os vários tipos de leitores e diferentes interpretações de uma mesma obra literária. Segundo Zafalon (2015, p. 4), “O leitor interage com o texto, constrói sentidos, expõe suas relações com a língua, exterioriza seus conhecimentos prévios, preconceitos, [...] Ao final de cada leitura, o texto já é um novo texto”. Assim, a interpretação do texto literário vai mudando conforme o contexto histórico e social. Conforme Zafalon,

Teorias literárias são instrumentos que devem ser bem manuseados pelos educadores com a finalidade de apreenderem melhor a literatura e poderem repassar e construir conceitos e valores junto aos seus alunos de forma produtiva (ZAFALON, 2015, p. 8).

Se o professor não estiver equipado com conhecimentos de teoria literária, dificilmente terá condições de adentrar mais profundamente o texto literário e explorar suas diferentes possibilidades de interpretação, seus diferentes percursos para cruzar os labirintos, as armadilhas do texto. Isto porque o texto literário é caracterizado por sua forte carga de implícitos, metáforas, subterrâneos do texto, que transcendem a mera identificação do seu tema e da sua fábula. Para analisar de modo sistêmico uma narrativa ficcional, seus personagens, explorando seus simbolismos e problematizando aspectos históricos e culturais impregnados no texto, necessariamente esse professor deverá fazer uso de abordagens comparativistas, teórico-críticas. Dessa forma, o professor tornar-se-á não um mero transmissor de informações sobre o texto, mas um mediador, um provocador, no processo de leitura literária, proporcionando uma compreensão mais ampla e crítica das obras literárias, além de abrir espaços de encontro e apaixonamento do jovem leitor com obra, transformando um exercício de sala de aula em uma experiência estética letradora.

Para trabalhar bem com a literatura, parece óbvio que o professor não apenas “mande” ou “sugira”, mas também “faça”; ele deve sair da sua estaticidade, da

fragmentação dos conhecimentos, da ignorância que torna os conteúdos mortos e partir para o entendimento de um método ou métodos específicos que possam organizar a situação de aprendizagem de acordo com as expectativas de sua classe. De alguma maneira, o professor precisa, no processo de trabalho com o texto literário, mostrar ao aluno o seu próprio prazer em ser leitor, em estar em contato com as obras literárias (ZAFALON, 2015, p. 9).

[...]

É função do professor de literatura chamar à vida as páginas mortas dos livros, abrindo discussões intertextuais e até interdisciplinares, estabelecendo pontes entre os indivíduos e os textos, entre a escrita e a leitura, entre seus alunos e eles mesmos (ZAFALON, 2015, p.11).

Cabe ao professor-mediador oferecer materiais diversificados que estimulem o contato com diferentes gêneros literários, proporcionando, assim, momentos de debate e reflexão, de modo a encorajar o aluno a desenvolver uma visão de mundo mais ampla e crítica, utilizando a literatura como uma ferramenta e uma ponte para entender a sociedade, a cultura e a si mesmo. Portanto, através do conhecimento da Teoria Literária, o professor de literatura induz os alunos a levar vida às páginas inanimadas dos livros, promovendo discussões intertextuais e interdisciplinares. Por meio das repercussões e ressonâncias geradas, abrirá caminhos, estradas, encruzilhadas, para que seu aluno resgate – construa talvez – as imagens, sonhos e fantasias que, provavelmente, já habitavam a topografia dos espaços do seu imaginário. Esses espaços devem ser estudados através de uma lente fenomenológica que favoreça o despertar de uma “mente criante” no jovem leitor, o qual aprenderá a fazer uso das suas percepções, memórias e emoções como adubo da própria imaginação. Fica, então, para o professor a tarefa inovadora – e desafiadora – de, em conjunto com seus alunos, liderar a construção de mapas de leitura que levem à “ilha do tesouro”, à terra da linguagem poética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) teve por objetivo problematizar a relação entre teoria literária, ensino de literatura na educação básica e a formação do jovem leitor, uma vez que a literatura desempenha um papel crucial na educação e no desenvolvimento integral do sujeito, especialmente das crianças e jovens. No entanto, muitas vezes, o ensino de literatura torna-se um grande desafio pela forma inadequada como é trabalhada na escola, o que acaba prejudicando o acesso efetivo à experiência literária. Uma das dificuldades recorrentes é a prática de apresentar ao aluno apenas fragmentos do texto literário, o que acaba impedindo que o educando faça conexões significativas com outras áreas do conhecimento e com a sua história pessoal como, por exemplo, quando se trata de um romance histórico, que requer uma contextualização social, político e cultural, para que o leitor possa se apropriar da narrativa ficcional. Pode-se dizer que essa prática reducionista de leitura rápida, quando usada em excesso e sem os devidos cuidados metodológicos, torna a obra literária descontextualizada, sem relevância, fazendo com que o aluno perca o interesse, o que pode afetar negativamente a sua formação leitora.

É preciso considerar também que as escolhas didáticas para o trabalho com o texto literário no âmbito educacional podem revelar um certo descaso para com a literatura enquanto disciplina, e sua condição limiar com outros campos de estudo e pesquisa, sobretudo a história, a cultura e a filosofia, desconsiderando o seu papel fundamental para o desenvolvimento do pensamento complexo do educando. A consequência do não reconhecimento da dimensão inter e transdisciplinar dos estudos literários é que o texto ficcional acaba sendo frequentemente tratado como uma simples ferramenta para o ensino da gramática, vocabulário ou habilidades de leitura, ao invés de ser apreciado por suas qualidades estéticas, artísticas, culturais e filosóficas. Ou seja, como afirma Gildilane Zacarias dos Santos (2019, p. 34), ao mesmo tempo em que oportuniza o encontro aluno-livro-leitura, a escola não oferece todas as possibilidades que o mergulho no texto literário permite, restringindo, engessando a ressignificação da obra literária.

Diante desse contexto, este trabalho buscou enfatizar a relevância da formação e capacitação do professor em teoria literária para que, mais consciente das estratégias narrativas, se torne um melhor leitor e, assim, mais apto a construir propostas de ensinagem de leitura literária que promovam uma experiência de leitura mais

significativa e prazerosa no âmbito escolar. Com uma abordagem adequada, o docente poderá contribuir para despertar o interesse pela literatura e fortalecer a relação dos alunos com os textos literários na escola. Para tanto, mas sem pretender esgotar a questão, neste trabalho, foram abordadas sobretudo as teorias da estética da recepção e da fenomenologia, problematizadas à luz do novo contexto escolar mediatizado, tendo sido utilizados como referenciais teóricos os autores Pierre Lévy, Wolfgang Iser, Umberto Eco e Gaston Bachelard, destacando sua importância na instrumentalização do docente para o trabalho com o texto literário. Essas teorias fornecem ferramentas valiosas para a compreensão e leitura das obras literárias, pois permitem ao professor direcionar seu aluno para identificar os elementos narrativos essenciais e desenvolver uma postura mais crítica diante do texto.

Umberto Eco nos mostra que a literatura é um jogo de signos, e é por meio da compreensão desses signos que podemos decifrar o significado mais profundo das obras. Nesse mesmo viés, Wolfgang Iser nos ensina a importância do leitor na construção do sentido de um texto. Ao reconhecer que o ato de leitura é uma colaboração entre autor, texto e leitor, o professor pode orientar seus alunos a terem uma postura ativa na interpretação das obras literárias. A estética da recepção mostra que a leitura não é um processo passivo, mas um jogo de interações que não pode prescindir da participação do leitor, o que amplia as possibilidades de compreensão e interpretação.

Gaston Bachelard, por sua vez, propõe uma topologia para os espaços da imaginação poética, convidando-nos a explorar as imagens e metáforas presentes nas obras literárias, a partir da compreensão dos processos de repercussão e ressonância para a apreensão da imagem poética. O filósofo também nos lembra que nada nos prepara para o encontro com essas imagens, pois são sempre novas, únicas, o que se constitui um desafio, às vezes uma grande dificuldade, para o jovem leitor. Entretanto, se o professor compreende o processo, poderá criar estratégias de aproximação ou, pelo menos, alertar o aluno de que está prestes a viver uma "nova experiência".

No campo da cibercultura, Pierre Lévy enfatiza o avanço rápido da tecnologia e suas inúmeras consequências. Porém, para que esse potencial tecnológico chegue a todos, é necessário que aqueles professores que ainda não se atualizaram estejam dispostos a adaptar-se e a aprender a utilizar de forma eficiente esses novos recursos. Por assim dizer, é preciso uma mudança de mentalidade e disposição para abandonar velhos hábitos e adotar novas formas de ensino e aprendizagem, inclusive no trabalho

com o texto literário. Essas teorias fornecem um arcabouço conceitual e prático para que o professor possa guiar seus alunos na análise crítica, na interpretação ativa e na exploração imaginativa das obras.

Não podemos esquecer que o professor é insubstituível nesse processo. Ao relacionar espaço físico e simbólico na obra literária, através das estratégias por ele propostas, o docente pode incentivar os alunos a mergulharem em mundos imaginários e a desenvolverem uma leitura mais sensível e criativa, tornando-se agentes da construção do próprio conhecimento – um conhecimento sentido e com sentido. Além disso, hoje, a tecnologia ocupa papel relevante para a integração entre repertórios prévios e os novos saberes, tendo em vista a vasta gama de ferramentas disponíveis para o trabalho interativo com literatura, tais como Book Tok, fanfics, wattpad, e tantos outros. Caberá ao professor mediar esse processo de inserção e adaptação ao uso das tecnologias de forma crítica e consciente. O jovem leitor precisa ser encorajado a explorar as oportunidades oferecidas pela cibercultura para a aquisição de competências educativas, desenvolvendo habilidades como busca de informações em sites de pesquisa e colaboração online, interagindo com outros estudantes e construindo conhecimentos em rede.

De volta ao início, vale lembrar Pierre Lévy (1997), quando afirma que precisamos construir novos modelos de espaço de conhecimento a partir da concepção de conhecimentos emergentes, abertos, contínuos, em fluxo, não lineares, que se reorganizam conforme os objetivos ou os contextos, e onde cada um ocupa uma posição singular e evolutiva. Entretanto, não é uma questão de substituir a educação por tecnologia, mas de adaptar-se e integrar-se a ela. O caminho para isso é conscientizar professores e alunos das mudanças que as novas tecnologias trazem para o processo de ensino-aprendizagem, compreendendo a cibercultura como uma oportunidade de crescimento e não como um perigo, e o avanço tecnológico como um processo de aprendizagem e adaptação que envolve mudança de comportamentos, normas e valores, e não como uma mera adesão a novas formas de tecnologia.

Não é mais possível negar que a chegada do século XXI trouxe consigo uma variedade de avanços em todas as áreas, e a literatura não é exceção. Os avanços tecnológicos trouxeram uma disponibilidade quase infinita de informações e recursos educacionais na internet, o que causou um impacto profundo na educação, particularmente no que tange os estudos literários, principalmente na forma como as

peças acessam, compartilham e constroem conhecimento, e isso tem contribuído muito para democratizar oportunidades de aprendizado e interação com a literatura.

No campo do ensino de leitura literária, as tecnologias digitais têm desempenhado cada vez mais um papel crucial na criação de metodologias inovadoras. Através das redes sociais e outras plataformas online, é possível criar comunidades de aprendizagem, onde estudantes e professores podem se conectar e trocar informações, colaborar em projetos e discutir temas relevantes. Essas interações enriquecem a experiência de leitura literária e permitem que os alunos desenvolvam uma compreensão mais aprofundada das obras literárias. Através das plataformas, é possível dar voz aos estudantes, permitindo que eles se expressem como escritores e construam uma identidade autoral, ou seja, tenham liberdade de expressão, enriquecendo, assim, o cenário literário contemporâneo.

Antonio Candido prega que o acesso e o desfrute da literatura são direitos humanos fundamentais, e defende a ideia de que a literatura desempenha um papel crucial na formação e no desenvolvimento humano. Sendo assim, todos devem ter assegurado o direito de acessar e se beneficiar dela, uma vez que o autor entende a literatura como uma forma de enriquecimento e transformação emocional, pessoal e cultural de todo e qualquer cidadão. Assim, as transformações tecnológicas, a ascensão das redes sociais e plataformas digitais não podem ficar fora do espaço escolar; ao contrário, podem e devem ser vistas como instrumentos eficazes de aproximação de saberes e sujeitos.

Não importa de que forma ela é ensinada; se por meio de livros impressos ou de dispositivos digitais, não há dúvidas de que a literatura promove a expansão do repertório cultural, estimula a imaginação, a criatividade e a capacidade crítica dos jovens. A literatura permite que se explore diferentes perspectivas, se desenvolva empatia e adquira conhecimentos sobre diversas áreas do saber. Eis por que é preciso garantir que a literatura permaneça como uma ferramenta poderosa na construção de uma sociedade mais informada, crítica e consciente. Então, na contramão das políticas educacionais vigentes, que extinguiram a disciplina de literatura do currículo da educação básica, desconstituindo-a no oceano das "linguagens", este TCC se encerra, mas não se conclui, lembrando enfaticamente o pensamento de Roland Barthes (2004, p. 18), ao afirmar que "se, por não sei que excesso do socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto numa [sic], é a

disciplina literária que devia [sic] ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário".

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BARTHES, Roland. **Aula**. 12 ed. São Paulo: CULTRIX, 2004.

BITTENCOURT, P. P. **Bookstagrammers e sua influência no consumo de livros e objetos literários**. Santa Maria, 2017.

BOESSIO, A. L. M. MEDEIROS, Lucas A. **Entre o mito e o fantástico, o pós-moderno em Cidade dos Ossos: os Instrumentos Mortais, de Cassandra Clare**. In: Educação contemporânea. Belo Horizonte: Editora Poisson, 2022, vol. 43.

CANDIDO, A. **Vários escritos: O direito à literatura**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

CARDONETTI, Vivien Kelling; OLIVEIRA, Marilda Oliveira. Escrita Acadêmica: repercussões e ressonâncias propagadas em um coletivo. In: **Revista Contrapontos**, Itajaí, v.18, n. 45-60, abril./junho. 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.14210/contrapontos.v18n2.p138-150>>. Acesso em: 18 maio 2023.

EAGLETON, Terry. **A experiência da leitura: ensaios sobre literatura e cultura**. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

ECO, Umberto. **Lector in fabula**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura- Uma Teoria do Efeito Estético**. Vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 1996.

JOUBE, Vincent. **Por que estudar literatura**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

LEÃO, Cleonice, M, E. SOUZA, Dalma F. B. G. Letramento literário em círculos de leitura na escola. In: **Palimpsesto: a revista do corpo discente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**. Rio de Janeiro, 2015, n. 21. v. 14.

LETRAS IN.VERSO E RE.VERSO. **Leitor modelo e aluno modelo: conceitos dos quais devemos nos livrar**. Publicado em 04 de outubro de 2019. Disponível em: <https://www.blogletras.com/2019/10/leitor-modelo-e-aluno-modelo-conceitos.html>. Acesso em: 17 mai.2023.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 2. Ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

LOPES, F. R; MENEZES, A, L, R; MOURA, Elizangela, S. S. **O público infanto-juvenil na era das mídias digitais e sua relação com a leitura literária**. Disponível em: <https://sipe.uniaraquaiia.edu.br/index.php/REVISTAUNIARAGUAIA/article/download/742/Vol14-art-3>. Acesso em: 01/ 04/2023.

NASCIMENTO, A. B. NUNES, M. S. C. Mediação de leitura através dos instagrans literários. In: **Ciência da Informação em Revista**. v. 8, n. 2, p. 121-134, 2021. Disponível em: <10.28998/cirev.2021v8n2h>. Acesso em: 05 mar. 2023.

SANTOS, Gildilane Zacarias. **Descobertas e experiências literárias: estratégias de práticas de leituras de textos literários no ensino fundamental II**. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional - PROFLETRAS) – Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Mestrado Profissional em Letras e em Rede Nacional, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019. Disponível em: <<https://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/5705>>. Acesso em: 01 de abril de 2023.

SILVA, Carliene. C. O. **Blogs literários no incentivo à leitura**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

ZAFALON, Miriam. **Refletindo sobre a leitura e o ensino da literatura**. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_mirian_zafalon.pdf. Acesso em: 01 de abril de 2023.

Sites:

CÂMARA, A. L. da M. S. **A influência do Instagram no consumidor de viagens: uma análise da Voyage Turismo**. Campina Grande, 2019.

COLETIVO LEITOR. **A literatura nas competências da BNCC**. Disponível em: <<https://www.coletivoleitor.com.br/literatura-na-bncc/>>. Acesso 05/03/2023.

COMICARE. **Comunidade literária do TikTok estimula jovens a consumir livros**. Disponível em: <<https://www.portalcomicare.com.br/comunidade-literaria-do-tiktok-estimula-jovens-a-consumir-livros/>>. Acesso em: 05/03/2023.

ENTRETEXTOS. **O leitor e a construção do sentido: as visões de Eco e Iser**. Disponível em: <<https://www.portalentretextos.com.br/index.php/post/o-leitor-e-a-construcao-do-sentido-as-visoes-de-eco-e-iser>> Acesso em: 20 de maio de 2023.

MONOGRAFIAS BRASIL ESCOLA. **A prática docente concernente ao uso das tecnologias da informação e comunicação no ensino fundamental**. Disponível em: <<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/computacao/a-pratica-docente-concernente-ao-uso-das-tecnologias-da-informacao-e-comunicacao-no-ensino-fundamental.htm>>. Acesso 05/03/2023.

OLHAR DIGITAL. **Wattpad: como baixar, ler e escrever histórias pela plataforma**. Disponível em: <<https://olhardigital.com.br/2021/10/29/tira-duvidas/wattpad/>>. Acesso 05/03/2023.

ZINT. **O impacto de Harry Potter no Brasil**. Disponível em: <<https://zint.online/literatura/harry-potter-brasil/>>. Acesso 05/03/2023.